

## MÚTIPLAS SEMIOSES, NOVAS PERSPECTIVAS: TEÓRICO-ANALÍTICAS

O presente número especial da *Acta Semiótica et Linguística* (v. 34, 2026), intitulado *Múltiplas semioses, novas perspectivas: teórico-analíticas*, organizado pelos Profs. Drs. Thiago Barbosa Soares (UFT/CNPq) e Roberto Leiser Baronas (UFSCar/UFMT/UEL/CNPq), abre com o **Expediente** que apresenta a equipe editorial e as normas da publicação. Dando continuidade, o presente **Editorial** tem a função de situar o leitor diante do conjunto de contribuições reunidas, destacando suas linhas de força e, ao final, tecendo reflexões sobre as implicações para a gestão do conhecimento em Linguística.

Na sequência, a seção **Tradução** traz o texto “*O texto, uma autoridade ameaçada?*”, de Dominique Maingueneau, traduzido por com Thiago Barbosa Soares, O ensaio interroga os regimes de autoridade do discurso escrito na era digital, tema que já nos convida a refletir sobre como a gestão do conhecimento em Linguística precisa lidar com a desestabilização de fontes e a emergência de novos gêneros textuais.

Passando aos **Artigos**, a edição começa com “*Monstros como metáforas do mal*”, de Julio César Jeha, Ayda Elizabeth Blanco Estupiñán e Rogério Lobo Säber. Os autores analisam, sob uma perspectiva semiótica, como figuras monstruosas em diferentes campos discursivos (literatura, cinema, artes visuais) constroem representações do mal, evidenciando operações de tensão entre o humano e o inumano. Na sequência, François Rastier, traduzido por Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista, apresenta “*Elementos de operática*”, introduzindo noções de uma abordagem que integra semântica interpretativa e análise de práticas textuais. O artigo propõe operadores metodológicos de grande valor para a descrição discursiva, o que dialoga diretamente com a necessidade de repositórios sistemáticos de categorias analíticas na gestão do conhecimento linguístico.

Na sequência, os autores Rafael Santos da Silva e Paolo Demuru apresentam “*Análise semiótica de estereótipos no Cidade Alerta*”. O estudo investiga como o telejornal policiaisco constrói e reitera estereótipos sociais por meio de linguagem verbal, edição de imagens e trilha sonora – uma operação semiótica complexa que articula diferentes materialidades significantes. A análise demonstra que o sensacionalismo não é apenas uma escolha de conteúdo, mas uma gramática semiótica própria. Para a gestão do conhecimento em Linguística, esse tipo de trabalho impõe a

necessidade de repositórios que integrem vídeo, áudio e transcrição, permitindo a indexação multimodal de estereótipos e suas recorrências.

Damião Francisco Boucher e Emanuely Fernandes Boucher, por sua vez, contribuem com “*A semiótica arquetípica do amigo e do inocente: análise das personagens Naruto Uzumaki e Sasuke Uchiha em Naruto, de Masashi Kishimoto*”. Os autores mobilizam a semiótica das paixões e a teoria dos arquétipos a dois personagens do famoso mangá/anime, mostrando como as identidades de “amigo” e “inocente” se constroem por percursos tensivos e figurativos. O artigo é modelar de como os produtos da cultura pop podem ser objetos legítimos de análise linguística e semiótica. Do ponto de vista da gestão do conhecimento, ele sinaliza a importância de incluir corpora não canônicos (mangás, animes, games) nos sistemas de curadoria acadêmica, bem como de desenvolver metadados que capturem categorias narrativas e passionais.

O artigo, “*Tensividade na autobiografia: o que é isso, companheiro?*”, de Rafaela Mathias, examina a construção da identidade e da afetividade em discursos autobiográficos de militância política, valendo-se da semiótica tensiva. A análise das variações de intensidade e extensidade mostra como a subjetividade se inscreve linguisticamente, um saber que pode ser organizado e transferido para a formação de pesquisadores e professores.

Na área da fonética, Mariane Gomes e Raquel Maria da Silva Costa Furtado trazem “*Análise acústica preliminar da vogal média /o/ pretônica em Limoeiro do Ajuru-PA*”, estudo experimental que documenta a variação de um traço linguístico na comunidade amazônica. Esse tipo de dado, além de contribuir para a geolinguística, levanta questões sobre curadoria e preservação de corpora orais, aspectos centrais para a gestão do conhecimento em contextos de diversidade linguística.

Helena Farias Gaia, em “*Experiências, crenças e identidade na formação do professor de língua-cultura inglesa e o estágio supervisionado: o discurso de professores e futuros professores*”, analisa narrativas docentes e como elas influenciam a construção da identidade profissional. O trabalho aponta a importância de articular saberes experienciais e teóricos, o que nos lembra que a gestão do conhecimento não é apenas técnica, mas também formativa e identitária.

A seguir, Ismael Neto Ferreira da Silva e Milene Bazarim investigam “*O modelo de letramento no manual do alfabetizador do MOBREAL: uma análise das orientações pedagógicas para o trabalho com a leitura e escrita*”. Os autores revelam concepções de letramento subjacentes a políticas educacionais autoritárias, mostrando como manuais

produzem efeitos de verdade e normalização, uma análise que exige, do ponto de vista da gestão do conhecimento, a crítica das fontes e a memória institucional.

O penúltimo artigo da seção é “*A pandemia como cena do crime: discursos presidenciais e a teoria do discurso criminogênico forense*”, de Adriano Menino. O autor propõe a noção de “discurso criminogênico forense” para analisar enunciados presidenciais durante a Covid-19, abrindo a Linguística para interfaces com o direito e a saúde pública. Essa contribuição reforça a necessidade de sistemas de informação que permitam rastrear, validar e tornar acessíveis discursos com alto impacto social.

Encerrando os artigos, Leonardo de Souza apresenta “*Arquiteturas do sentido: contribuições para a Linguística e a formação docente contemporânea*”, discutindo modelos de análise do sentido e sua transposição para currículos de formação de professores. O texto sugere uma integração entre teoria semiótica, letramento crítico e práticas reflexivas, o que constitui um desafio direto para a gestão do conhecimento em Linguística: como arquitetar ambientes de aprendizado que conectem produção teórica e prática pedagógica?

A edição completa-se com a **Resenha** “*From mimetic translation to artistic transduction: a semiotic perspective on Virginia Woolf, Hector Berlioz, and Bertolt Brecht*”, de Tiago Marques Luiz e Orlando José Bastidas Betancourt. A resenha examina uma obra que ultrapassa a tradução mimética em direção à transdução artística entre diferentes semioses (literária, musical, teatral), contribuindo para uma semiótica da intermedialidade.

O título deste número especial, *Múltiplas semioses, novas perspectivas teórico-metodológicas*, não é apenas um chamado temático; ele traduz uma convicção epistemológica. As semioses não são múltiplas apenas porque abrangem diferentes linguagens (verbal, visual, sonora, gestual, acústica), mas porque, dentro de cada uma delas, os regimes de significação se desdobram em camadas que a análise tradicional muitas vezes separa por força de hábito disciplinar. Os artigos aqui reunidos demonstram, cada qual a seu modo, que uma perspectiva verdadeiramente nova exige o desmonte desses compartimentos.

Tomemos o estudo de *Mariane Gomes e Raquel Maria da Silva Costa Furtado* sobre a vogal /o/ pretônica em Limoeiro do Ajuru-PA. À primeira vista, trata-se de um trabalho de fonética acústica, portanto, focado no plano fônico. No entanto, a variação documentada não é apenas um dado espectrográfico: ela é também um índice de identidade regional, de história do povoamento e de contato dialetal. A semiose sonora se

revela, assim, inseparável de uma semiose sociocultural. O desafio, para a gestão do conhecimento, é justamente não arquivar esses dados apenas como “fonética”, mas inseri-los em sistemas que os conectem a mapas geolinguísticos, a narrativas de migrantes e a políticas de valorização da diversidade linguística.

De maneira análoga, o artigo de *Adriano Menino*, ao propor a noção de “discurso criminogênico forense”, opera uma transdução entre semioses jurídica, política e biomédica. O enunciado presidencial durante a pandemia não é apenas texto; é ato, é prova, é risco epidemiológico. Essa multiplicidade de regimes semióticos exige que o analista transite entre a teoria do discurso, o direito sanitário e a ética da comunicação pública. Nessa travessia, uma nova perspectiva emerge: a de que a Linguística pode contribuir efetivamente para a aferição de responsabilidades em contextos de crise, algo que até pouco tempo parecia reservado à ciência forense clássica.

Já o trabalho de *Rafaela Mathias* sobre a tensividade na autobiografia nos mostra que a escrita de si não é um relato neutro de fatos, mas um campo de variações passionais. A semiótica tensiva, que lida com graus de intensidade e extensidade, permite captar o “como” da significação afetiva. Esse olhar para as modulações do sentido abre perspectiva para a gestão do conhecimento em Linguística no que tange à curadoria de arquivos pessoais e memoriais: como indexar não apenas o conteúdo referencial, mas a força semiótica dos testemunhos? A nova perspectiva aqui é tratar a subjetividade como dado estruturante, e não como ruído.

O ensaio traduzido de *Maingueneau* por *Soares*, “O texto, uma autoridade ameaçada?”, interroga o próprio suporte do conhecimento acadêmico: o texto linear, assinado, com começo, meio e fim. Em ambientes digitais, a autoridade se dispersa em hipertextos, comentários, recomendações algorítmicas. Se o texto enquanto forma canônica perde centralidade, como então organizar, validar e disseminar conhecimento linguístico? A resposta não é abandonar o texto, mas sim compreender que ele coexiste com outras semioses (vídeos, bancos de dados interativos, fóruns) e que o trabalho de editoração científica, como o que ora apresentamos, precisa incorporar essa pluralidade.

*Múltiplas semioses, novas perspectivas* não é um título decorativo. É um programa de trabalho. Os artigos aqui compilados demonstram que a significação não respeita fronteiras fixas entre níveis de análise nem entre domínios de aplicação. Para a gestão do conhecimento em Linguística, isso implica investir em arquiteturas informacionais que sejam igualmente transversais: metadados que capturem a dimensão tensiva, ontologias que relacionem variação fonética a marcadores sociais, repositórios

que preservem não apenas textos, mas também as múltiplas camadas semióticas que os constituem. Que este número sirva, assim, como inspiração e como ferramenta de trabalho para todos os que se dedicam a compreender, e a organizar, a complexidade dos sentidos.

Os demais artigos, ainda não mencionados nesta reflexão, igualmente tensionam as fronteiras entre semioses e oferecem pistas valiosas para a gestão do conhecimento. “*Monstros como metáforas do mal*”, de Julio César Jeha, Ayda Elizabeth Blanco Estupiñán e Rogério Lobo Saber, mostra como a figura do monstro transita entre regimes semióticos distintos (o literário, o cinematográfico, o visual) e, ao fazê-lo, exige do pesquisador uma competência de curadoria intermediática, saber indexar e relacionar obras de diferentes suportes em torno de um mesmo operador metafórico. “*Elementos de operática*”, de François Rastier, com tradução de Maria de Fátima Barbosa de Mesquita Batista, oferece um instrumental analítico que pode ser diretamente convertido em ontologias de domínio: os operadores propostos pelo autor são candidatos naturais a metadados semânticos para repositórios de textos, permitindo buscas não apenas por palavras-chave, mas por padrões interpretativos.

Na interseção entre Linguística e formação docente, Helena Farias Gaia (“*Experiências, crenças e identidade na formação do professor de língua-cultura inglesa...*”) e Leonardo de Souza (“*Arquiteturas do sentido...*”) abordam a gestão do conhecimento como problema pedagógico. Gaia mostra que o conhecimento profissional docente é, em grande medida, tácito e narrativo, o que implica criar sistemas que registrem e compartilhem relatos de experiência, não apenas artigos teóricos. Souza, por sua vez, propõe que os modelos de análise do sentido sejam “arquitetados” em novas propostas metodológicas, ou seja, traduzidos em sequências de compreensão e em possíveis atividades acessíveis a formadores, um desafio direto de design de conhecimento. Já o artigo de Ismael Neto Ferreira da Silva e Milene Bazarim sobre o MOBREAL nos alerta para a necessidade de curadoria crítica de fontes históricas: manuais pedagógicos não são neutros; geri-los como conhecimento exige a explicitação de seus efeitos de verdade e de sua inscrição em políticas de poder.

A resenha de Tiago Marques Luiz e Orlando José Bastidas Betancourt, “*From mimetic translation to artistic transduction*”, transcende o gênero resenha ao introduzir o conceito de transdução artística como alternativa à tradução mimética. No contexto da gestão do conhecimento, a transdução é um lembrete de que o conhecimento linguístico não precisa ser apenas traduzido (com perdas) entre línguas ou sistemas, mas pode ser transduzido, recriado em outra semiose mantendo sua potência informacional. Isso

tem implicações diretas para a acessibilidade: como transduzir um dado acústico em visualização gráfica, ou um argumento teórico em infografia interativa?

Os dois artigos recém-mencionados na primeira parte deste editorial também oferecem pistas importantes para a gestão do conhecimento. A análise de *Silva e Demuru* sobre o *Cidade Alerta* evidencia a necessidade de metadados multimodais, não basta descrever o conteúdo verbal; é preciso registrar a semiose sonora (trilha de suspense), a edição de imagens (repetição de closes) e a entonação do apresentador. Sistemas de repositórios acadêmicos ainda estão muito aquém dessa exigência. Já o estudo de *Boucher e Boucher* sobre os arquétipos em *Naruto* mostra que a cultura pop mobiliza estruturas semióticas tão complexas quanto as da literatura canônica. Para a gestão do conhecimento, isso implica ampliar os critérios de inclusão de corpora e desenvolver ontologias que permitam comparar percursos passionais entre personagens de diferentes mídias.

Portanto, ao longo deste volume especial, torna-se verificável que a multiplicidade de objetos e métodos, da fonética acústica à análise do discurso pandêmico, da autobiografia ao manual de alfabetização, não apenas enriquece a Linguística, mas, principalmente, impõe-lhe desafios consistentes à sua gestão do conhecimento. É necessário pensar em curadoria transversal que integre dados acústicos, análises semióticas e memórias discursivas; em interoperabilidade entre subcampos; em preservação de saberes locais e em validação ética do conhecimento produzido. Este número, ao cruzar múltiplas semioses e abrir novas perspectivas, oferece um laboratório privilegiado para tais reflexões.

Desejamos a todos uma leitura fecunda!

Os organizadores, entre Palmas e Londrina, no final do outono brasileiro de 2026.